

Erotismo, libertinagem e pornografia: notas para um estudo genealógico das práticas relacionadas ao corpo na França moderna

Eroticism, libertinage and pornography: notes toward a genealogic study
of practices of body in the Modern Age in France

Daniel Wanderson Ferreira

Doutorando em História Social da Cultura

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio)

daniel_ferreira_bhz@hotmail.com

Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

Rua Serafim Valandro, 6/806 - Botafogo

Rio de Janeiro - RJ

22260-110

Brasil

Resumo

Na linguagem da bibliografia de História Moderna, algumas práticas e costumes sexuais relacionados ao corpo são descritas como "libertinagem", "erotismo" e "pornografia", sendo frequentemente usadas como sinônimas e sem diferenciar os significados desses conceitos. Esse hábito resulta em dois problemas. Primeiro, compõe-se diferentes tipos de estudos históricos, como a História da Pornografia, História da Literatura Erótica ou História da Libertinagem, sem, às vezes, definir a especificidade de seus objetos. Em segundo lugar, refere-se ao entendimento de áreas separadas à partir de modelos de continuidade dos processos históricos. Contrariando essa ideia, este artigo examina alguns usos dessas palavras feitos por franceses na Idade Moderna e demonstra como seus sentidos foram construídos em cada ato comunicativo. A conclusão é que a história do corpo deve ser vista como descontínua e atravessada por constantes modificações e conflitos.

123

Palavras-chave

História do corpo; Historiografia moderna; História da França.

Abstract

In the language of Modern History bibliography, some sexual practices and costumes related to the body are described in terms of "libertinage", "eroticism" and "pornography", frequently used as synonyms, with no differentiation between the significations of these concepts. This habit results in two problems. First, it takes to the composition of different types of historic studies, such as Pornography History, Erotic Literary History, or Libertinage History, which sometimes cannot define the specificity of their objects. The second one refers to the understanding of the separated areas in models of continuous historical processes. In disagreement to this idea, this article examines some uses of these words and concepts by French agents in Modern Age, to demonstrate how their contents was construed in each speak act; with the conclusion that the history of the body must be seen as discontinuous, crossed by constant modifications and conflicts.

Keyword

History of body; Modern Age historiography; France history.

Enviado em: 03/08/2009

Aprovado em: 20/10/2009

Em 1902 foi publicado na França o romance *La vénus à la fourrure*, do escritor austríaco Leopold Sacher-Masoch.¹ Essa narrativa, publicada originalmente em 1870, fazia parte dos volumes de *Legs de Caïn*, que pretendiam resumir “a herança de crimes e de sofrimentos suportados pela humanidade”. A crueldade, nesse texto, funciona como uma “imagem” da Natureza, “onde Caim descobre seu próprio destino”. Assim, de Caim ao Cristo há um mesmo signo, conduzindo “o Homem à cruz” (DELEUZE 2004, p. 9).²

Apesar da complexidade do texto, o crítico francês Benzon assinala “a beleza incomparável das descrições, o estudo pulsante e fino sobre as leis do caráter, o sentimento profundo da natureza, (...) uma sinceridade de impressões que nos faz crer voluntariamente no que diz o autor”.³ As referências de “anátema em nome dos princípios do cristianismo” e os elogios feitos pelos filósofos, em virtude da suposta filiação do texto a Schopenhauer e a Darwin, priorizam a trama dos conceitos. No entanto, para Benzon, Sacher-Masoch enfatiza as imagens, tal como a da estátua instalada num pátio residencial, iluminada superficialmente por luzes avermelhadas refletidas de um fogo que lhe colore palidamente o rosto. Esquecer isso conduz à perda dessa “sublime criatura” de corpo marmóreo, vestida com uma grande pele. Esquece-se do diálogo de Séverin com a deusa, na busca humana para compreender os motivos de Vênus usar a pele, já que “não faz verdadeiramente frio”. Apagam-se, também, “dois mil anos de história”, que separam a cultura grega de “deuses que riem” dessa cultura cristã do norte, onde o mundo é habitado por “demônios”. Quase não se ouve, por fim, a resposta e pedido da deusa para que se deixe o “mundo pagão repousar sob as lavas e escombros”, já que, junto aos cristãos, “nós, afirma a deusa, morremos de frio”.⁴

Não bastasse a reclamação dessa Vênus vestida com peles, a tradução do texto para o francês, feita por Raphaël Ledos de Beaufort, em 1902, apresentava algumas incorreções, possivelmente tornando mais fraca a voz e a queixa da deusa, num reforço daquilo que, supomos, o espírito vitoriano, ainda reinante no início do século XX, foi capaz de censurar. Mesmo que não se possa acusar nossa cultura de calar-se diante do corpo, de suas impurezas e sua sexualidade, as práticas que se relacionam a isso emergem em vocabulário e enunciações domesticados, num indício de um aprofundamento do que chamamos civilização (Cf. FOUCAULT, 1993; STAROBINSKI 2001, p.11-56).

A escrita da história também não escapou a esse processo civilizador. Segundo PORTER (1983: 292), a história do corpo tem sido negligenciada em

¹ No Brasil, o livro foi publicado com o título **A Vênus das peles**, editado pela editora Hedra, com tradução de Saulo Krieger.

² As citações foram retiradas do Prefácio que antecede à apresentação da obra de Sacher-Masoch feita por Deleuze. Como não há indicação de que o texto é de Deleuze ou do tradutor, Aude Willm, não temos certeza da autoria do texto. A edição brasileira, entretanto, indica que se trata de um texto de Deleuze.

³ BENZON, Th. Un romancier gallicien, M. Sacher-Masoch, **Revue des deux mondes**, Paris, XLV année, troisième période, 01.nov.1875, p.817. Os documentos históricos serão citados em notas ao longo do texto, como acontece normalmente em trabalhos historiográficos, com o objetivo de tornar mais próxima a referência das datas e fontes de consulta para o leitor. As traduções são pessoais.

⁴ SACHER-Masoch, Leopold. **La Vénus à la fourrure** (1870). in DELEUZE (2004, p.119-120).

virtude dos elementos clássicos e dos ditames judaico-cristãos da cultura ocidental, que, por razões e caminhos distintos, separaram corpo e alma e deram primazia ao pensamento. O corpo tornou-se o lugar da corrupção.

Esse cenário sofreu, entretanto, alguma mudança na segunda metade do século XX. Em virtude das mudanças sociais advindas dos movimentos de direitos civis e igualdade de gêneros, bem como pelas mudanças inerentes ao campo disciplinar, abriram-se novas perspectivas para pensar a escrita historiográfica (Cf. BURKE 1997; DOSSE 2003).⁵ A incorporação dos sentimentos e sensibilidades como objetos da história significou em alguma medida a composição de estudos sobre as representações, tal como já se fazia com o trabalho ou o poder. O risco que se evidenciou foi o do distanciamento entre o estudo das experiências concretas vividas pela sociedade e aqueles relacionados às formas de pensamento e expressão das sensibilidades (Cf. PORTER 1983, p. 295-298). Embora não se deva reduzir a história social à história dos conceitos, há uma relação entre os dois campos. As transformações vivenciadas “realmente” devem ser percebidas a partir da forma como elas são enunciadas socialmente. A experiência da linguagem e dos testemunhos também não é suficiente, embora essencial, para afirmações conclusivas sobre certos aspectos da realidade (KOSELLECK, 1997: 101-119). Assim, independentemente da maneira como é denominado no campo historiográfico o estudo do pensamento, da sensibilidade, do corpo etc., cabe ressaltar a interdependência desses estudos com as relações ditas concretas.

125

Não nos parece, desse modo, fortuito que o verbete *érotique* (erótico) apresentado em *La grande encyclopédie* separe a literatura erótica antiga daquela dos tempos modernos. O que poderia a princípio parecer resultado de uma especialização do saber, evidencia-se como uma forma de compreender o mundo, pois Charles Le Goffic, responsável pela apresentação dos tempos modernos do verbete, apresenta a existência de três formas de erotismo: o *sotádico*, o *sádico* e o *pornográfico*, respectivamente próprios aos antigos, aos modernos e aos contemporâneos.⁶ Assim, faz-se referência sobre a dificuldade em definir o erótico e revela-se que, para o autor, nem toda representação do corpo e do amor tem o mesmo valor e a mesma sensibilidade social. Ao separar os homens modernos dos contemporâneos, Le Goffic produz ainda uma ruptura de identidade com o passado. Há um “amor de outrora, (...) das épocas cavalheirescas” dos séculos XI ao XIII. No século XVII, pode-se ver, de novo, com Corneille, um amor à moda medieval, “uma ciência complicada, transcendente”. Já no século XVIII, “não há mais tanta felicidade em fatos eróticos”,

⁵ A coleção dirigida por Jacques Le Goff e Pierre Nora, publicada em 1974 com o título **Faire l'Histoire** e composta de três volumes: 1. **nouveaux problèmes**; 2. **nouveaux approches**; 3. **nouveaux objets**, é sintomática desse esforço de transformação. Em língua inglesa, destacamos o livro organizado pela historiadora Lynn Hunt, intitulado **The New Cultural History**, de 1989 (publicado no Brasil pela editora Martins Fontes com o título **A nova história cultural**).

⁶ ÉROTIQUE (verbetes). **La grande encyclopedie, inventaire raisonnei des sciences, des lettres et des arts, par une societei de savants et de gens de lettres**. Paris: H. Lamirault / Société Anonyme de la Grande Encyclopédie, 1886-1902[?]. O verbete está dividido em duas partes: a primeira refere-se ao erotismo antigo grego e romano e a segunda, ao moderno, sendo Lécivain e Le Goffic, respectivamente, os responsáveis por cada uma delas.

predominando a libertinagem, própria a Voltaire, Dorat, Chaulieu, Gentil-Bernard, Florian etc. Por fim, no século XIX, os “nossos líricos” puderam “dar à paixão uma linguagem realmente apropriada aos problemas e à melancolia dos corações que ela abraça”. Percebe-se, então, essa nova forma de erotismo como, também, uma nova sensibilidade estética.

Os dicionários deixam entrever a ideia do amor por um aspecto estético, sendo o caso extremo a percepção clínica do amor, visto pela ideia do doentio e do patológico. Como conceito médico, o amor apresenta sintomas de delírio e febre, inclusive podendo se manifestar como uma melancolia excessiva.⁷ Discutidos por intelectuais, os impactos da arte no público extrapolam o círculo dos debates para serem, por vezes, sentidos em efeitos e práticas sociais. Heickmann, amigo de Goethe em seus últimos anos, conta um episódio em que o famoso escritor alemão recebe o Lord Bristol, bispo de Derby, em Iena. Apesar da cortesia de Goethe em receber o visitante, este se comporta inicialmente de modo grosseiro, dirigindo-lhe um sermão sobre *Werther* ao afirmar ser o “livro completamente imoral, completamente condenável”. Seu argumento, em que pesem os valores morais, era de que “esse livro conduziu os homens ao suicídio”. A resposta de Goethe, contada com a “mesma malícia e a mesma ironia” com que tratava dessas anedotas, confirma o caso. Ele se nega a prestar contas pelo texto e condenar a obra “mal compreendida por algumas inteligências estreitas”. Acrescenta ainda que isso “livrou o mundo, no máximo, de uma dezena de imbecis e delinqüentes que não poderiam fazer nada a mais que apagar completamente o resto de suas medíocres luzes”.⁸

O entendimento de que a leitura de *Os sofrimentos do jovem Werther* conduz ao suicídio faz-se compreensível à medida que a condição humana passa a ser também vivida e notada esteticamente. O artista “amoroso da vida universal” assemelha-se “a um espelho imenso dessa massa; a um calidoscópio dotado de consciência, que, a cada um de seus movimentos, representa a vida múltipla e a graça transitória de todos os elementos da vida”. Por sua vez, a própria vida transmuta-se, na modernidade, em artifício, em obra de arte. “O mal se faz sem esforço, *naturalmente*, pela fatalidade; o bem é sempre um produto da arte”. Desse modo, os homens, sejam eles dândis ou cortesãos, tornam-se personagens, estetas da vida.⁹

A história não escapa também a esse movimento, já que para Marx, ela funciona como um teatro. Sua interpretação do *18 de Brumário* é narrada a partir de elementos teatrais, numa associação entre história e experiência estética.

⁷ ÉROTISME (verbetes) n.m. Méd. Amour maladif. Recherche de la sensualité. In: **LAROUSSE Universel en deux volumes**. Nouveau Dictionnaire Encyclopédique. Publié sous la direction de Claude Auge. Paris: Librairie Larousse, 1922. ÉROTIQUE. Adj. des 2 g. (du gr. fait d’amour). (...) – Médic. *Delire, fièvre érotique*. Espèce de mélancolie, qu’un véritable amour, qui va jusqu’à l’excès, fait contracter. BESCHERELLE, Louis Nicolas. **Dictionnaire national; ou Dictionnaire universel de la langue française, dans lequel toutes les définitions sont justifiées par fillos de quinze mille exemples choisis, le seul qui presente l’examen critique des dictionnaires les plus estimés, et principalement de ceux de l’Académie, de Laveaux, de Boiste et de Napoléon Landais**. 2 vol. Paris: Garnier, 1867.

⁸ ERCKEMANN. **Conversations de Goethe pendant les dernières années de sa vie, 1822-1832**. Trad. Émile Délerot. Paris: Charpentier Librairie, 1863. p.219-220.

⁹ BAUDELAIRE, Charles. **Le peintre de la vie moderne** (1863). Disponível em <http://baudelaire.litteratura.com/peintre_vie_moderne.php>. Acesso em: 02.jul.2009. p.09 e 23.

Esse argumento, segundo o filósofo, permite aos homens-personagens conjurar o passado de maneira vitoriosa desde que compreendam o papel que lhes cabe representar (Cf. FERREIRA 2007). Trata-se de pela estética recompor o homem, retirando-o da alienação que o havia condenado à forma e ao mundo da mercadoria.

Bricon, no verbete *pornographie* (pornografia), também presente em *La grande encyclopédie*, apresenta alguns apontamentos que ajudam a perceber a transformação histórica e identidade proposta por Le Goffic. O termo pornografia, para Bricon, “perdeu seu sentido técnico, aplicado aos escritores especialistas” que falavam sobre prostituição. Isso se deveu à passagem da referência da cortesã à “impureza dos seus hábitos”, num caminho paralelo ao processo de civilização e transformação das práticas de controle sobre o corpo, quer pela via jurídica, quer sanitária, que mudam o enfoque da disciplina e da punição na virada dos séculos XVIII e XIX (FOUCAULT 2000, p.145-152).

Essa ruptura histórica entre os séculos XVIII e XIX, percebida por Le Goffic e Bricon, aprofunda-se, também, em sua dimensão econômica. Para Bricon, “o fato pornográfico resulta principalmente da intenção do autor”, produzindo-se a partir da ideia de um “cálculo vergonhoso de dinheiro”.¹⁰ De igual maneira, a lei de 2 de outubro de 1882, que regula a repressão pelo ultraje aos bons costumes, estabeleceu uma diferença entre “os ultrajes aos bons costumes cometidos por desenhos, gravuras, pinturas, emblemas ou imagens daqueles cometidos com a divulgação feita pelos meios de publicação”. Tratou-se de entender a pornografia como atividade industriosa e promovida profissionalmente.¹¹

Podemos, ainda, pensar a pornografia a partir dos seus vínculos com a prostituição — atentos ao que Bricon chama de sentido original da palavra —, caso nos atentemos para os esforços de se consolidar no início do século XIX o “sistema da corrupção legal”, conforme denuncia Donat Sautter, em um panfleto datado de 1876. Nesse período, houve regulamentação da atividade de prostituição, primeiro em Paris, depois em outras cidades francesas e europeias. Ao falar da permissividade em relação ao “mal”, ele apresenta a montagem de um sistema sanitário em que as prostitutas dessas cidades foram cadastradas, estabelecendo-se, assim, um contrato entre elas e a polícia. À polícia coube exigir visitas sanitárias periódicas das prostitutas; em contrapartida, a casa de prostituição poderia estar aberta para a “prática da corrupção”. As mulheres poderiam ainda “com certas reservas de horas e vestuários ir buscar suas vítimas na rua”, o que, conforme Sautter, transformava em “reconhecimento de um direito, de um privilégio, [de] uma patente em uma palavra” aquilo que era condenado às mulheres.¹²

¹⁰ PORNOGRAPHIE (verbetes). **La grande encyclopedie, inventaire raisonnei des sciences, des lettres et des arts, par une societèi de savants et de gens de lettres**. Paris: H. Lamirault / Société Anonyme de la Grande Encyclopédie, [1886-1902?].

¹¹ BARBIER, Georges. **Code expliqué de la presse**. Traité general de la police de l apresse et des délits de publication. Paris: Imprimerie et Librairie Générale de Jurisprudence Mauchal & Bellard, 1911. p.361-364.

¹² SAUTTER, D. **L'état de la moralité publique**. 3^e ed. Neuchatel: Bureau du Bolletin Continental, 1876. p.15-17.

Os casos de política de vigilância e sanitarismo urbano, experimentados no século XIX, revelam uma das faces da relação entre modernidade e civilização do pensamento de Restif de la Bretonne. No livro *Le pornographe*, publicado em 1769, ele apresenta os “inconvenientes inseparáveis da prostituição” e, também, a “necessidade de tolerar as prostitutas na capital e em outras grandes cidades do reino”. Diante do dilema, receita o “remédio”, um regulamento, já que “uma casa pública” ou prostíbulo, quando “bem administrada”, pode “se sustentar por si mesma, diminuir os abusos que a sabedoria das leis tolera sem levar a nenhum dos inconvenientes que uma reforma de outro gênero ocasionaria”. Isso resultaria numa contribuição ao “restabelecimento da decência e da honestidade pública, que me parece os costumes distanciam-se insensivelmente”.¹³

Essa dimensão do pensamento sanitário e do controle do corpo das prostitutas, implementados no decorrer do século XIX, concorre ainda com outras formas segundo as quais os franceses demonstram entender as relações entre a pornografia e o erotismo. Durante a maior parte do século XIX, o termo erotismo é reservado à literatura canônica que toma o amor por tema, que fala e trata desse sentimento (Cf. PAUVERT 2000, p.9-10). Independentemente desse sentido mais geral, há uma dificuldade em definir o caráter erótico, isolando-o como gênero, daí o alerta de Lachâtre (apud PAUVERT 2000, p.10) sobre o dever de não confundir “o gênero erótico, que não deve ultrapassar os limites da decência e do pudor, com o gênero livre e grosseiro, ao qual se relacionam tantas produções cínicas ou obscenas”.

Não há apenas uma dificuldade em definir o erótico. A obscenidade é complexa e suas dimensões são vistas em marcas enunciativas que estão circunscritas a cada vivência social em sua historicidade. Daí Restif apontar, em consonância com esse desejo de diferenciar o universo obsceno, que libertinagem não é igual à pornografia.¹⁴ Émile Zola (apud PAUVERT, 2000, p.98), também, entende que entre seus textos naturalistas e os romances de Sade não há semelhança, já que sua escrita é “crua e terrível”, faltando-lhe o “riso” e a “fantasia galante da grosseria”. Ambroise Macobre, em seu glossário intitulado *La flore pornographique*, apresenta que “nossos pornógrafos modernos inventaram apenas palavras”, o que resultou haver entre eles e “a obra corajosa, robusta e franca de Rabelais (...) a mesma diferença que há entre rio e esgoto”.³ Aprofunda-se, assim, durante o século XIX, outro traço de diferenciação ao se

¹³ RESTIF DE LA BRETONNE. **Le pornographe** ou Idées d’un honnête homme sur un projet de règlement pour les prostituées, propre à prévenir les malheurs qu’occasionne le publicisme des femmes avec des notes historiques et justificatives (1769). in *Œuvres érotiques*. Col. L’Enfer de la Bibliothèque Nationale, tome 2. Paris: Fayard, 1985. p.52. Há um consenso em afirmar que esse é o primeiro uso da palavra em língua francesa. No Oxford English Dictionary, ela aparece em 1857 (cf. HUNT 1999, p. 13-14).

¹⁴ Conforme explica o autor, a ideia do livro *Le pornographe* ocorreu-lhe pela leitura de Lewis Moore, que afirma ter sido no passado um libertino e, com isso, haver compreendido que “prazeres muito curtos são seguidos de doenças longas e cruéis”. Disso resultou seu desejo de “ser útil aos outros ao tornar públicas suas ideias sobre os meios de diminuir os inconvenientes de um certo estado que revolta a natureza, mas que eu sinto muito que seja impossível de ser abolido”. RESTIF DE LA BRETONNE. **Le pornographe** (1769, p.51).

¹⁵ MACROBE, Ambroise. **La flore pornographique**, glossaire de l’école naturaliste, extrait des œuvres de M. Émile Zola et de ses disciples. Paris: Doublezevir Éditeur, 1885. p.18-19.

marcar como separadas a pornografia e a libertinagem.

No fim do século XIX, *libertino(a)* tem função morfológica de adjetivo, significando desregramento dos costumes, dos hábitos. Aplica-se também às coisas em diversos sentidos, como “contos libertinos” ou “vida libertina”. Fala-se ainda desse modo de uma criança ou um jovem estudante que negligencia seus deveres. Só ao fim, refere-se, como substantivo e num sentido já envelhecido, aos que não se sujeitam às leis da religião, quer por crença, quer por prática.¹⁶

A libertinagem apresenta sua própria historicidade. Não tratamos, entretanto, de vê-la como um deslizar de sentidos, presas a uma análise semântica, pois entender esse processo dessa maneira resulta em vê-los em continuidades e variações sobre um mesmo tema, praticamente desprezando as transformações sociais que o circunscrevem. Os sentidos da libertinagem emergem dentro de relações sociais específicas. O contrário resulta em reificações da compreensão do conceito, perdendo de vista o caráter relacional com o qual ele é constituído historicamente nas práticas sociais (Cf. CAVAILLÉ 2009). Assim, concordando com Cavillé, entendemos que mais que apresentar o surgimento de um neologismo — *pornografia* — e as marcas e usos que o diferenciam da libertinagem, trata-se de compreender o universo social libertino, numa tentativa de entender as distâncias que a cultura do século XIX assumiu em relação a um passado nem tão distante.

129

Em 1477, a forma *libertiniens* aparece em traduções da Bíblia, pelo uso presente em Paulo, nos Atos dos Apóstolos (VI, 9), ao se referir a *synagoga libertinorum*. Em 1523, a palavra francesa *libertins*, de origem latina, própria ao direito romano, aparece, na Bíblia (Atos dos Apóstolos, VI, 9), na tradução de Lefèvre d'Étapes, fazendo concorrência a *affranchi* (dar alforria a um escravo, libertar). A partir dessa segunda forma, o termo ganha conformação, em 1544, pelo ataque que Calvino dirige aos dissidentes anabatistas, resultando na composição de um sentido de inconformismo (TROUSSON 1993, p. I-II). Em uma advertência aos fieis, em 1547, Calvino afirma ainda ser comum a “todos os libertinos (...) divertir-se com a Escritura Sagrada, transfigurando-a a seu prazer por loucas alegorias, o que não é outra coisa que falsificar o seu sentido natural”. Além disso, dando livre curso à imaginação, fazem a Escritura “servir a tudo” que pensam.¹⁷ Desse modo, à ideia de resistência associa-se ainda os artifícios e a opacidade própria ao ser humano.

No século XVII, quando a França já havia consolidado o poder político e ultrapassado as guerras religiosas, o círculo dos libertinos eruditos, composto por La Mothe Le Vayer, Gassendi e Gabriel Naudé, dentre outros, mantém um caráter dúbio quanto a suas posições políticas e filosóficas. Isso decorre da lembrança

¹⁶ LIBERTIN, INE (verbeta). **DICTIONNAIRE de l'Académie Française**. Institut de France, 7^e ed. Paris: Librairie de Firm-Didot et C^e, 1878.

¹⁷ CALVIN, Jean. Contre un Franciscan, sectateur des erreurs des libertins. Genève, 20 août 1547. in **Œuvres françaises de Jean Calvin recueillies pour la première fois, precedes de sa vie par Théodore de Bèze et d'une notice bibliographique par P. L. Jacob**. Paris: Librairie de Charles Gosselin, 1842. p. 294.

das guerras e da desestruturação social e política que avassalaram a França no século XVI. O temor de que se reviva uma crise funciona, assim, tanto no sentido da defesa da diversidade quanto no sentido da adoção de posturas mais moderadas, em consonância com o que havia feito Montaigne. Diferentemente dos ataques que se dirigiram aos libertinos do século XVI, acusando-os de rebelião à religião, no século XVII, trata-se mais de ver uma outra realidade. A liberdade a que esses homens aspiram está mais voltada para o interior. (Cf. PINTARD 1983; ADAM 1986: 7-31). Além disso, a forma como o poder estrutura-se na monarquia absolutista francesa não garante a existência de uma livre expressão, senão no fórum íntimo dos círculos e academias de saber (Cf. KOSELLECK 1999).

Dada a diversidade do grupo a que são dirigidas a acusação de libertinos, fica difícil percebê-los como uma unidade homogênea. P. Garasse afirma, em sua *Doctrine curieuse des beaux esprits de ce temps*, escrita em 1622, que são libertinos “nossos bebedores e glutões das tavernas, espíritos insensíveis à piedade e que não tem outro Deus que o próprio ventre”. De igual maneira, incluem-se no grupo os “ímpios e ateus”, que são “os avançados em malícia; (...) que fazem de Paris uma Gomorra”. Entretanto, mesmo aí há aqueles que “não são ainda completamente ateístas” (apud ADAM 1986, p.40-41). Assim, os libertinos não constituem uma escola, não buscando ao menos compor doutrinas filosóficas que os definam. Há muito mais uma sabedoria libertina, o que decorre da defesa de um *savoir-vivre libertin*, marcado pela indisciplina, entendida como recusa de se deixar contrariar por regras de escolas, facções ou normas e prescrições previamente à análise da realidade e dos pensamentos.¹⁸ Soma-se a isso, a liberdade de uma vida que se entrega aos instintos, entendidos como bons, e uma posição pessimista e cética da humanidade, que se contrapõe ironicamente ao humanismo (cf. GIRARD 2007, p.26-31).

A experiência, contudo, não necessariamente aproxima esses homens de uma vida de excessos. Existem grupos que, diferentemente dos libertinos mundanos, guardam-se em sua cultura cavalheiresca, marcando a libertinagem pela reserva. Esses libertinos eruditos são repletos de “audácia interior e de prudência prática”, apresentando “moderação na linguagem e discrição nos gestos”. Torna-se, então, mais compreensível as atitudes de Gabriel Naudé e Jean-Jacques Bouchard que, em viagem a Roma no carnaval de 1632, apresentam “palavras comedidas e gestos raros, de confidências pouco numerosas e discretas; uma grande submissão aparente aos usos; algumas fantasias, mais limitadas e vigiadas”. Isso, entretanto, manifestando mais “os hábitos da juventude deles do que as necessidades impostas pela nova vida” (PINTARD 1983, p.122; 210).

¹⁸ Nesse sentido, há os que relacionam o ceticismo à libertinagem, ainda que não reduzam uma coisa à outra. O que ganha destaque é a posição não-dogmática que tanto céticos quanto libertinos assumem (Cf. POPKIN 2003, p. 80-98; CAVAILLÉ 2009, p.68). Os homens que chamamos libertinos denominavam-se *déniaisés* (Cf. ADAM, 1986, p.12). Entendemos ser necessário empreender futuramente um estudo que busque pensar essa identidade, conforme produzida internamente ao grupo.

No século XVIII, a libertinagem é frequentemente apresentada a partir do modelo galante de Crébillon Fils e seu romance *Les égarements du cœur e de l'esprit*, de 1736. Tem-se, nesse caso, o predomínio do jogo e das relações de excesso, traduzindo os valores de uma nobreza, que a sociedade francesa revolucionária percebeu como uma imagem negativa, corrupta e superficial. Contudo, também no século XVIII, "a libertinagem não se limita ao domínio dos costumes: elevando-se, sob a trivialidade, à pretensão filosófica, ela acolhe a reflexão materialista e a contestação social, assim como a condenação de preconceitos morais e religiosos" (TROUSSON, 1993: XIV-XV). Podemos pensar, nesse sentido, num contraponto entre a noção de superficialidade nobre e os valores do pensamento filosófico. A libertinagem, em Sade, se por um lado é conservadora, por outro, para defender o valor nobre, apega-se à ideia de sentido político desse grupo.¹⁹

Em Sade, além disso, ela é apresentada em associação a outras características. Às vezes está relacionada à prostituição. Mesmo assim, os libertinos deixam claro que a ação erótica jamais é regrada senão pelas jornadas sucessivas de "novos prazeres e novas reflexões".²⁰ Sendo os desejos libertinos insaciáveis, tão logo eles se realizam, surgem outros, repletos de detalhes, que em nada se assemelham ao mundo supérfluo de Crébillon.²¹ Marcha-se assim numa ação contínua de prazer e pensamento, já que a libertinagem de Sade, de modo algum, dispensa o exercício da filosofia.²²

131

Talvez na linguagem ordinária seja possível encontrar uma relação mais precisa da libertinagem com o excesso, a corrupção e depravação dos costumes. É comum encontrar referências semelhantes à denúncia que Duchesne, funcionário do Procurador Geral do Parlamento de Paris, escreve ao Rei, solicitando uma *lettre de cachet* para que sua esposa, Marguerite Gobet, seja presa. Segundo ele, a vida seguia tranquila, "sem nenhum dos conflitos que nascem ordinariamente ou da desinteligência ocasionada pelas diferenças de pensamento ou pela aversão causada pela libertinagem". Isso muda, já que "os excesso da boca e do vinho" tornaram-se a "paixão dominante dessa mulher".²³ Estamos, nessa dimensão cotidiana, mais próximos do sentido que a palavra assumirá no senso comum a partir do século XIX, quando seu sentido filosófico de qualquer natureza é praticamente esvaziado.

Verifica-se, portanto, nesse emaranhado de concepções e práticas, diversos

¹⁹ Simone de Beauvoir discute o caráter conservador do pensamento de Sade, contudo em alguns aspectos ela apresenta as práticas que ele propõe como uma "tentativa de ressuscitar simbolicamente, no segredo das alcovas", numa atitude de "nostalgia", os poderes que os nobres já tiveram (Cf. BEAUVOIR, 1972: 09-82). Entendemos que a constituição de mecanismos simbólicos extrapola os sentidos do imaginário, compondo-se mesmo como práticas significadoras da experiência. Desse modo, Sade defenderia uma libertinagem que ao mesmo tempo é conservadora e libertadora, já que apontaria no passado e na tradição para um mundo repleto de valores éticos.

²⁰ SADE. *Les cent vingt journées de Sodome ou L'école du libertinage* (1785). in **Œuvres**, tome I. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1990. p.116.

²¹ SADE. *Les infortunes de la vertu* (1787). in **Œuvres**, tome II. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1990.

²² SADE. **La philosophie dans le boudoir**. Ed. établie por Yvon Belaval. Col. Folio Classique. Paris: Gallimard, 2001. p.45.

²³ DUCHESNE, transcrição Ars. Arch. Bastille 11994, fol. 178-183 (1758). in FOUCAULT, Michel. FARGE, Arlette. *Le désordre des familles*. p.76-81.

processos históricos que se articulam: a proposta de Restif, publicada em 1769, e o ensaio de uma prostituição sanitária em algumas cidades europeias no século XIX; a oposição de um novo entendimento das relações com o corpo em oposição à libertinagem; as práticas de sanitarismo e controle do corpo e sua relação com a pornografia, produzidas durante o século XIX; a percepção de que o erotismo antigo é diferente do moderno e do contemporâneo; o entendimento da libertinagem como parte de um pensamento de natureza filosófica múltipla, mas que se traduz em divergência religiosa, em ceticismo, materialismo, embora não se deixe reduzir a nenhum dogma ou sistematização filosófica; os usos ordinários dados à libertinagem no século XVIII, num sentido que revela os limites dessa referência com a vida de corte e sua sofisticação de pensamento, bem como num prenúncio da sociedade mais massificada do século XIX.

Para os historiadores, entretanto, essas diferenças tendem a ser apagadas. O surgimento da palavra pornografia data, nas línguas europeias, do século XIX, mas Hunt reúne em livro artigos de diferentes historiadores que rastreiam sua origem desde o século XV. Além disso, afirma que a "literatura pornográfica, assim como o romance, era frequentemente associada à libertinagem", numa tentativa de demonstrar como a linguagem da transgressão encontra uma mesma enunciação (Cf. HUNT 1999, p.5-6; 38).

Para Goulemot (GOULEMOT 2000, p. 21-30), não há problema que se empreguem como sinônimas as palavras pornográfico, licencioso e erótico ao analisar as práticas sociais sobre do corpo e as narrativas de caráter ficcional da sociedade francesa do século XVIII. As valorizações diferenciadas decorreriam mais dos sentidos distintos com os quais o século XX compreendeu essas categorias.

De igual maneira, Abramovici (ABRAMOVIC 2003) delimita a obscenidade ao apresentar o cenário social no qual ela se constitui na sociedade clássica. Contudo, o autor deixa entender pela leitura de seu texto uma opção pelo uso indiscriminado das palavras libertino, pornográfico, obsceno, erótico e outras.

Torna-se, portanto, possível observar que as análises historiográficas, ainda que em diversos aspectos sejam extremamente profícuas, tendem mais a evitar as repetições dos termos, além de produzirem uma ideia de modernidade a partir de conceitos de linearidade e progresso que nos parecem suspeitos, já que tornam semelhantes essas diferenças tão fortemente visíveis aos homens do século XIX. Talvez Vênus não necessitasse de tanta pele, caso vivesse em período anterior a esse mundo de estetização burguesa. Entretanto, como prever que ela estaria à vontade diante de um riso de Rabelais, ao ouvir um poema de Théophile de Viau ou dentro de um boudoir de Sade? Podemos apenas pensar que ali havia mais calor, já que aquilo que se chama, para os homens do século XIX, "crueldade", para ela, nada mais é que parte intrínseca da "sensualidade e do amor puro, a verdadeira natureza da mulher". Em todo caso, não se trata mais de compor novas continuidades. Estamos diante de enunciações diferentes.

Referências Bibliográficas:

- ABRAMOVICI, Jean-Christophe. **Obscénité et classicisme**. Paris : Presses Universitaire de France, 2003.
- ADAM, Antoine. **Les libertins au XVII^e siècle**. Paris: Buchet/Chastel, 1986.
- BEAUVOIR, Simone. Faut-il brûler Sade? In: _____. **Faut-il brûle Sade?** Paris: Gallimard, 1972.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales (1929-1989): a Revolução Francesa da historiografia**. Trad. Nilo Odália. São Paulo: UNESP, 1997.
- CAVAILLÉ, Jean-Pierre. Libérer le libertinage. Une catégorie à l'épreuve des sources. **Annales HSS** , t. LXIV, 2009, n. 1, p. 45-80.
- DELEUZE, Gilles. **Présentation de Sacher-Masoch**, avec le texte integral de 'La Vénus à la fourrure'. Trad. do alemão Aude Willm. Paris: Minuit, 2004.
- DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales a Nova História**. Bauru, EDUSC, 2003.
- FERREIRA, Daniel Wanderson. História e dramaturgia em O 18 Brumário. In: **XXIV Simpósio Nacional de História**; Associação Nacional de História - ANPUH, 2007, São Leopoldo. História e multidisciplinaridade: territórios e deslocamentos: anais do XXIV Simpósio Nacional de História. São Leopoldo : Unisinos, 2007. p. 1-10.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque, José Augusto Guilhaon Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- FOUCAULT, Michel. Poder-corpo (p.145-152). In: _____. **Microfísica do poder**. Trad. Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2000.
- GIRARD, Christophe. **Les libertins du XVII^e siècle: anthologie**. Paris: Librairie Générale Française, 2007.
- GOULEMOT, Jean-Marie. **Esses livros que se lêem com uma só mão**. Trad. Maria Aparecida Corrêa. São Paulo : Discurso Editorial, 2000.
- HUNT, Lynn (org.). **A invenção da pornografia: obscenidades e as origens da modernidade, 1500-1800**. São Paulo: Hedra, 1999.
- HUNT, Lynn (org.). **A nova história cultural**. Trad. Jefferson Luís Camargo. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- KOSELLECK, Reinhart. **Crítica e crise: uma contribuição à patogênese do mundo burguês**. Trad. Luciana Villas-Boas Castelo-Branco. Rio de Janeiro: EDUERJ, Contraponto, 1999.
- KOSELLECK, Reinhart. Histoire sociale et histoire des concepts (p.101-119). In: _____. **L'expérience de l'Histoire**. Trad. Alexandre Escudier, Diane Meur, Marie-Claire Hock, Jochen Hock. Paris: Gallimard, Seuil, 1997.

- LE GOFF, Jacques, NORA, Pierre (org.). **História**. 3 vol.: novos problemas, novos objetos, novas abordagens. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986-1995.
- PAUVERT, Jean-Jacques. **La littérature érotique**. Paris: Flammarion, 2000. p.10.
- PINTARD, René. **Le libertinage erudite dans la première moitié du XVII^e siècle**. Genève, Paris: Slatkine. 1983.
- POPKIN, Richard H. **The history of skepticism from Savanarola to Bayle**. New York: Oxford University Press, 2003.
- PORTER, Roy. História do corpo. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Lopes Magda. São Paulo: UNESP, 1992.
- STAROBINSKI, Jean. A palavra "civilização". In:_____. **As máscaras da civilização: ensaios**. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- TROUSSON, Raymond. Préface. In:_____. **Romans libertines du XVIII^e siècle**. Textes établis, présentés et annotés par Raymond Trousson. Paris: Robert Laffont, 1993.